



VIANA & MOLLOY
Editores

CHRISTIAN DE PORTZAMPARC apresentação

ROBERTO SEGRE organização

ALBERTO PETRINA
BIANCA ANTUNES
CARLOS EDUARDO COMAS
ERNESTO NATHAN ROGERS
EVELISE GRUNOW
FARÈS EL-DAHDAH
FERNANDO DIEZ
GUSTAVO PENNA
HANNO RAUTERBERG
IÑAKI ÁBALOS
JONATHAN GLANCEY
KENNETH FRAMPTON
LAURO CAVALCANTI
LUCIO COSTA
LUIZ FERNÁNDEZ-GALIANO
RICARDO OHTAKE
ROBERTO SEGRE
SOPHIE TRELCAT

TRIBUTO A

Niemeyer

PROJETO - 2013

EDIFÍCIO RENAISSANCE



Os nomes do pai

por Gustavo Penna

Quando nasci, a Pampulha tinha 10 anos e vinha encantando o mundo enquanto incomodava os espíritos conservadores. Passados 69 anos, ainda consegue instigar com o mesmo vigor.

Aqueles belos edifícios que surgiram da força inventiva de Niemeyer, no seu traço modernista carregado de brasilidade, escolheram Minas Gerais para nascer.

Tive oportunidade de conhecer toda a história, narrada pelo próprio Juscelino Kubitschek, numa memorável noite quando ele, de volta do exílio, recebia o carinho da gente mineira na casa do jornalista Lúcio Portella.

Depois de me apresentar como filho de Roberto Penna — que ele conhecera como construtor do Catetinho em Brasília — e como jovem arquiteto, Juscelino, entusiasmado, se dispôs a relembrar comigo, informalmente, sentados nos degraus da escada, fatos que pouca gente conhece.

Dizia ele com um jeito quase adolescente: “Quando era prefeito de Belo Horizonte, fiz um concurso de Arquitetura para o conjunto da Pampulha e só apareceram Quitandinhas” (se referia àquelas construções de estilo normando, de telhados inclinados e traves de ma-

13



deira nas fachadas). Naquela época, se pensava que, por sermos uma cidade de montanha, precisávamos parecer com Petrópolis e seus requintados burgueses.

Inconformado e pretendendo algo revolucionário para a cidade, telefonou para o Rodrigo Melo Franco de Andrade, fundador e diretor do Patrimônio Histórico, e contou o sucedido. Ele sugeriu que se convidasse um jovem recém-formado que demonstrara um raro talento na equipe de Lucio Costa e Le Corbusier, para o Edifício do Ministério da Educação e Cultura, (hoje Palácio Capanema): Oscar Niemeyer, 33 anos.

Juscelino aceitou a ideia e assim o arquiteto veio do Rio para Belo Horizonte, se hospedando no Grande Hotel (onde hoje está o conjunto Arcângelo Maletta). Ali montou sua sala de projetos.

Alguns dias depois, Rodrigo liga:

— Prefeito, são muitos desenhos para levarmos ao seu gabinete, o senhor se importaria de vir aqui no hotel para apreciá-los?

Curioso do resultado, Juscelino subiu a pé da Prefeitura passando pela rua Goiás e alcançando a rua da Bahia. E diante da prancheta de Niemeyer, ouviu a descrição do primeiro prédio do conjunto: o Cassino da Pampulha.

— O edifício é aberto para a Lagoa... aqui uma rampa...

— Rampa? Pergunta o prefeito. Por que rampa?

— Pela Leveza das linhas contínuas — disse Niemeyer...

E o prefeito, arrebatado:

— A obra começa amanhã.

Começava ali fundada, naqueles primeiros esboços geniais e no dessombro visionário de Juscelino, a trajetória de Oscar Niemeyer.

O presidente, ao final da nossa longa conversa, ainda confessou divertido:

— O Marco Paulo Rabelo, enquanto passeamos pela Pampulha inaugurada, falou que tudo estava tão lindo que seria impossível repetirmos aquilo.

E completou:

— Mal sabia ele o que iríamos fazer em Brasília!

Brasília foi uma tarefa muito maior.

O Brasil precisava de símbolos que o definissem na cena interna-

cional como uma nação integral e contemporânea, marcando definitivamente o fim da era colonial.

(Tenho alegria de ter na minha sala de trabalho, uma foto da época com meu pai, Niemeyer e outros pioneiros durante a construção do Catetinho).

Oscar, no planalto central do Brasil, criou o relevo de nosso novo perfil e fundou uma ideia muito cara a nós que amamos a Arquitetura: O Arquiteto-brasileiro.

Creio não existir aqui nenhuma injustiça com os grandes mestres do passado, do período colonial até hoje. Afinal, foi o trabalho dele que viajou longe, falando da nossa terra.

Essa ligação visível, que podemos sentir em todos os cantos do mundo, que rompeu bloqueios e correntes da cultura primeiro-mundista e mostrou o jeito brasileiro de pensar Arquitetura, só foi de fato conseguida por ele.

Afinal, qual outro tem obras admiráveis espalhadas na França, Itália, Estados Unidos, Portugal, Argélia e muito mais?

A partir dele, mesmo os pensamentos divergentes passaram a ser considerados. E hoje tiramos de seu exemplo o sentido da liberdade de criar, do monumental e do simples a um só tempo, do emblemático e do informal e, sobretudo, da persistente coragem de propor e questionar.

Aos 102 anos, é impossível ver Oscar Niemeyer na visão tradicional do velho mestre digno de honrarias. Oscar Niemeyer produz hoje com o entusiasmo de jovem.

Em todo o mundo surgem inúmeras obras que surpreendem pela audácia e alegria. O que vemos naquela figura impressionante é o exemplo de alguém poderoso nas ideias e nos ideais, na ação e no desenho, a nos renovar a certeza de que a arte é a única possibilidade humana de se vencer o tempo.

Gustavo Penna é arquiteto mineiro formado pela Universidade Federal de Minas Gerais. Fundou seu escritório em 1973. Entre seus principais projetos estão: o prédio da Rede Globo Minas, o Expominas, o Museu de Congonhas e a sede da Escola Guignard, além de várias residências. Realizou também obras urbanísticas como a intervenção na orla da Lagoa da Pampulha.